

JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS, COLABORADOR DO JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO* (1888-1896)**Fernanda Suely MÜLLER***

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo estabelecer algumas relações entre as letras portuguesas – seja no campo da crítica, literatura ou correspondência lusitana – e a imprensa periódica paulistana, sobretudo através da veiculação de alguns textos de Eça de Queirós e a sua participação como possível colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo* entre os anos de 1888 a 1896.

Palavras-chave: Eça de Queirós; imprensa periódica; relações luso-brasileiras.

JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS, CONTRIBUTOR TO THE NEWSPAPER *O ESTADO DE S. PAULO* (1888-1896)

Abstract: This article aims to establish some relationships between the production of Portuguese literature, critical reviews or correspondence, and the publications of São Paulo's periodical press, especially through the printing of some texts from the Portuguese writer Eça de Queirós, and his participation as a possible foreign contributor to the newspaper *O Estado de S. Paulo*, from 1888 to 1896.

Keywords: Eça de Queirós; periodical press; Luso-Brazilian relationship.

Introdução

Consoante ao paradigma estrangeiro (europeu, nomeadamente) notamos que a literatura produzida em nosso país a partir da segunda metade do século XIX desenvolveu-se sobretudo através das inúmeras folhas, jornais e revistas publicadas no período que, ao mesclar o ofício jornalístico ao literário, construíram parte significativa da cultura e letras nacionais daquele momento.

* Fernanda Suely Müller é graduada em Letras pela UNESP/Assis (2003) e é Mestre em Literatura Portuguesa. Atualmente é Doutoranda Literatura Portuguesa pela USP e é bolsista da FAPESP (DR II). São Paulo/SP - Brasil E-mail: fersmuller@hotmail.com

Devido à acentuada presença de escritores e poetas na imprensa periódica nacional durante o período em tela, podemos afirmar ainda que praticamente quase todos os homens de letras de relevo da época, começaram suas carreiras nos jornais ou passaram por eles, como Machado de Assis, Coelho Neto, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Alphonsus Guimarães, Rui Barbosa, entre outros. Em tais veículos, ao lado dos brasileiros, figuraram, igualmente, grandes nomes das letras francesas e portuguesas que, publicando desde textos críticos, folhetins e até correspondências, eram frequentemente contratados pelos grandes jornais brasileiros com a primordial finalidade de diversificar a parte cultural e informativa de suas publicações.

Por conseguinte, partindo de tal premissa, objetivamos sublinhar neste artigo a presença do escritor português Eça de Queirós na imprensa periódica do país, cotejando a sua correspondência oficial para o jornal carioca *Gazeta de Notícias* com alguns indícios de sua possível colaboração para o jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* (OESP)¹.

Ao que tange o caso específico da imprensa luso-brasileira, observamos nesse período um crescente número de publicações diversificadas que, procurando refletir toda a complexidade das relações entre Brasil e Portugal daqueles anos, procuravam tanto dirimir e amenizar as diferenças culturais e políticas surgidas naquele contexto (como a grande onda de lusofobia e os episódios decorrentes da Revolta da Armada²), por exemplo, quanto “estreitar” os vínculos e laços culturais existentes entre os países através da organização de revistas/gazetas pensadas exclusivamente pela/para intelectualidade luso-brasileira. Destarte, além da presença maciça de jornalistas portugueses na imprensa brasileira (especialmente carioca), como já bem assinalado nas pesquisas das professoras Dra. Elza Miné³ e Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa⁴, por exemplo, a colônia lusitana no Brasil também promoveu a publicação de folhas direcionadas ao público imigrante, dentre as quais podemos citar a Revista Luso-brasileira (1860), *A Ilustração Luso Brasileira* (1856, 1858, 1859), o jornal Brasil e Portugal: Jornal Dedicado aos Interesses dos Dois Países – Ciências, Artes, Commercio e Industria (1872), além do famoso Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro (1851-1932) e a revista Brasil-Portugal (1899-1914)⁵, entre outras, somente para citarmos alguns títulos.

Apesar de ser notório entre os pesquisadores queirosianos que a colaboração do grande escritor português só se deu efetiva e oficialmente no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, entre os anos de 1880 a 1897, uma pesquisa minuciosa dos arquivos do

periódico paulistano nos revela a participação de Eça com alguns textos de crítica e também com a publicação do folhetim “Os Maias”, entre 12/08/1888 a 5/01/1889, segundo já nos apontara os estudos pioneiros de João Alves da Neves⁶. Valendo-nos assim de tal pressuposto, teria sido também Eça de Queirós igualmente correspondente do jornal OESP e não somente da *Gazeta de Notícias*? Até que ponto fora importante uma “presença portuguesa” na imprensa brasileira, nomeadamente carioca e paulista? E ainda: qual foi o verdadeiro impacto dessa influência ou diálogo na construção de uma tradição literária periódica brasileira? Essa e outras perguntas tentaremos responder agora através das nossas reflexões.

Eça de Queirós intelectual e jornalista

José Maria Eça de Queirós (1845-1900) foi um renomado escritor, crítico, ensaísta e jornalista português, dos mais relevantes de seu tempo.

Tendo iniciado os seus estudos formais no Colégio da Lapa (Porto) foi, no entanto, em Coimbra onde conheceu e se relacionou com algumas das mais destacadas personalidades culturais do seu tempo (Antero de Quental, Teófilo Braga, João Penha, Alberto Sampaio, etc.), em parte ligadas depois à chamada Geração de 70. Numa época muito agitada do ponto de vista intelectual e artístico (lembremo-nos da Questão Coimbrã, por exemplo), Eça iniciou-se na vida literária sob a égide do romantismo: depois de uma passagem por Évora e pelo jornalismo de província (no *Distrito de Évora*), começou a publicar os folhetins mais tarde intitulados de *Prosas Bárbaras* e se tornou um dos responsáveis pela criação do poeta imaginário Carlos Fradique Mendes.

Em 1870 foi nomeado administrador do conselho de Leiria e, de sua estadia, provém a inspiração do ambiente provinciano retratado em *O Crime do Padre Amaro*. No mesmo ano, escreveu, com Ramalho Ortigão, uma série de folhetins que recebeu o nome de *O Mistério da Estrada de Sintra*. A colaboração entre os dois continuou no ano seguinte, com uma publicação de crítica política e social: *As Farpas*.

De volta a Lisboa, formou com Antero de Quental e outros jovens o grupo do Cenáculo, do qual partiu a idéia das Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense, em 1871. O grupo, mais conhecido como Geração de 70, inspirava-se em

movimentos de transformação da época, como a Comuna de Paris e buscava atualizar Portugal, atrasado e agrário, com o que ocorria em outros países europeus.

Nos últimos anos da sua vida literária, além de incursões pelo campo da hagiografia, Eça escreveu *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*, supostamente marcadas por certa preocupação de regresso às origens: as origens míticas e históricas da nacionalidade, a revisitação da terra portuguesa, etc. Artista sempre insatisfeito com a sua escrita, Eça voltava muitas vezes aos seus textos, corrigindo-os e reformulando-os. Para além do caso conhecido de *O Crime do Padre Amaro*, outros textos foram objeto, de forma menos conseqüente, de cuidados que iam do plano microestilístico ao da construção global da narrativa; obras inacabadas, como *A Capital*, *O Conde de Abranhos, Alves & C^a*. ou *A Tragédia da Rua das Flores*.

Mas a atividade de Eça não se limitou ao domínio da criação literária; pressionado não raro por carências econômicas, foi um intenso colaborador de jornais portugueses e brasileiros, nos quais estampou as suas reações e impressões de observador arguto, colocado no coração da Europa, perante fenômenos e personalidades do seu tempo, a par de esclarecidas reflexões programáticas e doutrinárias, visando sempre pertinentes temas artísticos. Fundador e diretor da prestigiosa *Revista de Portugal*, Eça tentou fazer desta publicação um fórum de debate sobre a sua pátria e os problemas que a afrontavam. Mesmo tendo sido frequentemente acusado de antipatriota, a verdade é que Eça teve sempre, como motivo primeiro da sua ironia crítica, uma profunda e autêntica preocupação com os destinos de Portugal.

Notamos, portanto, que desde cedo Eça de Queirós já desenvolvia suas aptidões jornalísticas (apenas com 21 anos, no *Distrito de Évora*). Em maio de 1870 iniciou a sua colaboração para o jornal *A República*, mas só iria realmente aprimorar seu espírito crítico em periódicos a partir de 1874 quando, transferido para o consulado de New-Castle-on-Tyne, começou seu trabalho como correspondente da imprensa portuguesa brasileira e portuguesa. De abril de 1877 a maio de 1878 colaborou com o jornal português *A Actualidade e*, ainda neste mesmo ano, transferiu-se para Bristol. Em 1888 foi deslocado para Paris onde permanece até sua morte, em 16 de agosto de 1900.

O jornal *Gazeta de Notícias* e a correspondência queirosiana

No dia 24 de julho de 1880, a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, anunciava aos seus leitores:

Temos a satisfação de publicar hoje a primeira carta do eminente escritor Eça de Queirós, que acedeu ao convite que lhe fizemos para ser nosso correspondente em Londres. Será ocioso encarecer os méritos do novo colaborador, que tem um nome firmado por trabalhos de grande valor literário. Que o digam as *Farpas*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e outros primorosos escritos. Por enquanto o Sr. Eça de Queirós ocupar-se-á dos acontecimentos de Paris e Londres; muito brevemente, tratará só da Inglaterra, logo que chegue a Paris o correspondente que para essa capital contratamos. (p. 1)⁷

O jornal *Gazeta de Notícias*, fundado por Ferreira de Araújo, Elísio Mendes, Henrique Chaves e Manuel Carneiro apareceu na corte carioca pela primeira vez no dia 2 de agosto de 1875.

Com escritório na Rua do Ouvidor e tipografia situada na Sete de Setembro, esse jornal foi um dos mais importantes na história da imprensa no Brasil. Por suas páginas passaram os mais conceituados autores brasileiros e portugueses do último quartel do século XIX e começo do século XX. Foi nesse jornal que José do Patrocínio iniciou a sua carreira jornalística, que Silva Jardim lançou a campanha pela proclamação da República e que Raul Pompéia deu lume a sua obra mais significativa, *O Ateneu*.

A *Gazeta de Notícias* foi um dos jornais cariocas que mais acolheu a literatura em suas páginas. Nos últimos anos do século XIX, vivendo seus dias de glória, publicava colunas ou artigos assinados por Machado de Assis, Eça de Queirós, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Visconde de Taunay, Ramalho Ortigão, além de outros.

Durante dezessete anos Eça enviou colaborações para este importante jornal brasileiro: publicou textos de crítica, folhetins e correspondências nos anos 1880, 1881, 1882, 1887, 1888, 1893, 1894, 1895, 1896 e 1897. Contabilizando no total 58 textos completos, publicados ao longo de 116 números da folha carioca, tal contribuição foi denominada como “páginas flutuantes” pela especialista Elza Miné, dada a irregularidade de tais publicações.

Ainda sobre a colaboração queirosiana na gazeta carioca temos muitos estudos e, nesse sentido, destacamos principalmente os realizados pela professora citada Dra. Elza Miné, docente da Universidade de São Paulo, que se especializou em

recuperar, compilar e analisar as correspondências queirosianas à imprensa periódica portuguesa e brasileira, sobretudo a desenvolvida no Rio de Janeiro.

É relevante também mencionar o levantamento das publicações queirosianas na imprensa brasileira, realizado por Manuel Bandeira⁸ e publicado em 1945, mas o notório poeta nada comentou sobre colaboração do romancista na imprensa periódica paulista e nem a participação do mesmo nas páginas do OESP, como veremos melhor adiante.

Eça de Queirós no jornal *O Estado de S. Paulo*

O jornal *O Estado de S. Paulo*, fruto da articulação de um grupo de republicanos, teve sua primeira edição em 4 de janeiro de 1875 e, desde cedo, despontou no cenário nacional como uma das empresas jornalísticas mais sólidas do país que conta hoje com 129 anos de tradição. O então “Província de São Paulo” circulava em uma cidade que possuía 25 mil habitantes e sua tiragem diária não ultrapassava os quatro mil exemplares.

Sempre inovador, já em 1876 introduziu uma grande novidade na vida jornalística com a venda avulsa dos exemplares, que antes eram vendidos somente por assinaturas. O francês Bernard Gregoire, que trabalhara no *Le Petit Journal*, de Paris e na *Gazeta de Notícias* do Rio, assumiu o cargo de auxiliar de impressão no jornal paulista e se tornou fundamental neste processo. Montado num velho cavalo, com um maço da “A Província...” debaixo do braço, saiu à rua, a 23 de janeiro de 1876, com a cabeça coberta de um barrete branco, munido de uma buzina para atrair os possíveis compradores do jornal, tornando-se assim uma espécie de patriarca dos jornais paulistas.

Nascido, portanto sob a marca ideológica republicana não foi, apesar disto, órgão do partido nem muito menos partidário. Em 1880 já era o jornal de maior tiragem de São Paulo, passando dois anos depois a propriedade exclusiva de Rangel Pestana. Oito anos mais tarde, a contratação do jovem jornalista Júlio Mesquita para gerente do jornal desencadearia o processo vertiginoso de crescimento da empresa e o esboço de tal como ela é nos dias atuais.

Proclamada a República, o jornal passa a ser chamada de *O Estado de S. Paulo*, e Rangel Pestana afasta-se definitivamente da direção do jornal, deixando

então Júlio Mesquita assumir o posto que conservaria até sua morte, em 1927. Sob o comando de Mesquita, se transformou de órgão destinado a um grupo relativamente limitado de leitores com interesses políticos a um outro que representava e falava a uma sociedade complexa.

Em 1901 a tiragem atingia a marca dos 12 mil exemplares diários, o triplo do momento em que fora criado. Desde então, Mesquita empenha-se para eliminar todos os resquícios de partidarismo na cobertura política e para ampliar o noticiário, buscar todos os leitores e anunciantes que estivessem dispostos a pagar pelo serviço, e entregar-lhes um jornal de qualidade melhor que a concorrência.

Ao longo da década seguinte a tiragem dobrou novamente, o noticiário tornou-se o mais isento da cidade, a credibilidade trouxe leitores de todos os matizes políticos e, com eles, os anunciantes tiveram confiança para pagar pela inserção de mensagens. Tudo isso deu a Júlio Mesquita segurança e confiança suficiente para pensar no crescimento do jornal como uma resultante unicamente de sua posição no mercado.

O papel do jornalista na cobertura da I Guerra também foi notável, não só quanto à cobertura isenta que proporcionou, mas também quanto à expansão da empresa mesmo em tempos de crise. O jornal *O Estado de S. Paulo*, alicerçado então pela seriedade e responsabilidade de Mesquita, constitui hoje um dos jornais mais importantes do país, de grande prestígio e influência cultural.⁹

Quando estudamos a fundo a história do jornal, percebemos que há uma influência muito grande da cultura portuguesa: figuram entre seus fundadores o português José Maria Lisboa, por exemplo, e também são muitos os registros de outros lusitanos trabalhando na redação desde a sua fundação.¹⁰ Conforme aponta Neves:

Outro caso impressionante que não pode deixar de ser referido é o do *O Estado de S. Paulo*, por se tratar do jornal brasileiro por onde devem ter passado mais portugueses, desde a sua fundação, em 1875. Foram mais de 20, entre jornalistas de profissão, sem falar dos colaboradores portugueses. Em primeiro lugar, não pode esquecer-se que entre os fundadores deste jornal republicano esteve um português – o jornalista José Maria Lisboa, que teve lugar e realce em outros órgãos da imprensa brasileira e acabou sendo o principal fundador e diretor de outro jornal, o *Diário de São Paulo*, lançado em primórdios de 1885 e ainda em circulação em São Paulo.

Nos primórdios de *A Província de S. Paulo* (...) entre os principais redatores destacava-se Gaspar da Silva (Boaventura Gaspar da Silva Barbosa)(...) Esteve não só na *Província*, mas também no

Jornal do Comércio e no *Diário Mercantil* de São Paulo, além de ter sido um dos fundadores de *A República das Letras* (1876), que foi um dos primeiros jornais brasileiros a divulgar Eça de Queirós.¹¹

De fato, em “Relações literárias de Portugal com Brasil”, (*Op.Cit.*, 1992), João Alves das Neves nos traça um interessante panorama sobre esse assunto e nos revela alguns dados interessantíssimos sobre uma colaboração efetiva de Eça na gazeta paulista, assunto pouco explorado pela crítica. Segundo o crítico

O romancista de *A Cidade e as Serras* desejou ardentemente esta colaboração na imprensa brasileira, tendo em vista, sobretudo, o equilíbrio do seu orçamento, permanentemente deficitário, e admitiu a hipótese de escrever para a *Gazeta da Bahia* e para o *Jornal do Comércio* (do Rio). Nenhum biógrafo ou crítico falou, porém, das crônicas e de *Os Maias* que vieram a lume nas páginas de *A Província de São Paulo*, conforme pudemos documentar em “O colaborador de *A Província de São Paulo*”.¹²

Outro especialista, Heitor Lyra, no livro *O Brasil na obra de Eça de Queirós*¹³, dedica um capítulo sobre a contribuição queirosiana para a imprensa nacional, mas nada comenta sobre o jornal OESP. Neste capítulo relembra ainda o convite feito por intermédio de Crespo para que escrevesse no *Jornal do Comércio*, do Rio, mas que jamais se concretizaria.

Podemos admitir ainda que outros convites tenham sido feitos a Eça de Queirós e que muitas páginas do escritor português também tenham sido publicadas sem a devida autorização do autor – citemos a famosa *reedição* de algumas *Farpas*, incidente bem aprofundado por Paulo Cavalcanti em *Eça de Queirós, Agitador do Brasil*.¹⁴ Heitor Lyra nos esclarece ainda que a edição clandestina brasileira de obras de autores portugueses era comum até meados de 1889, quando somente foi firmado um acordo sobre a propriedade literária entre ambos os países.

Outro crítico que nos informa sobre esse assunto é Arnaldo Faro, no capítulo “O padre Amaro em São Paulo”, do livro *Eça e o Brasil*¹⁵, que documenta com largos pormenores a republicação do primeiro de quase todo o segundo capítulo do romance nas edições n. 3, 4 e 5, do ano de 1876, do jornal *A República das Letras*, dirigido em São Paulo por Gaspar da Silva, que não só foi livreiro e jornalista mas também autor de livros. Sobre essa colaboração (involuntária?) de Eça no jornal literário paulista diz bastante Faro, porém não menciona o fato de ter sido Gaspar da Silva também

colaborador e redator da então *A Província de São Paulo*, como já vimos, e o que também pode nos ajudar a explicar as outras colaborações queirosianas, como veremos.

Voltemos agora para a figura do jornalista português Gaspar da Silva. Quem foi realmente? Segundo as informações que depreendemos sobre o jornalista, dirigiu vários jornais brasileiros e do primeiro número do seu *A República das Letras* (abril de 1876), constaram nomes bem conhecidos no Brasil e Portugal: João Penha, Guilherme Braga, Américo Campos e Lúcio de Mendonça, personalidades que certamente não autorizariam a veiculação de seus textos sem o devido consentimento. Como já afirmamos alhures, o jornalista também integrou o corpo de redatores do OESP, desde a sua fundação. De 1903 a 1906 publicou nesta mesma folha e de forma regular correspondências de Portugal na coluna denominada “A vida portuguesa” que difundia textos, poemas, resenhas de obras literárias portuguesas, panoramas sobre as peças teatrais, política e a sociedade portuguesa em geral. A colaboração do jornalista para a coluna citada se dava através de correspondências enviadas regularmente de Portugal para a redação do jornal, veiculadas duas ou três por semana. O articulista G.S. (Gaspar da Silva), ou melhor, Boaventura Gaspar da Silva Barbosa (Visconde de S. Boaventura) assinou sua coluna como G.S. até meados de 1906 e como “Visconde” as suas cinco últimas colaborações da citada (31/08/1906; 15/09/1906; 14/10/1906; 27/10/1906 e 03/11/1906). Tal fato nos fez pensar, num primeiro momento, que os colaboradores de “A vida portuguesa” seriam duas pessoas distintas, o que não é verdade. Correspondente do OESP em Lisboa entre os anos de 1900:

Realizaram-se no dia 17 do mês passado os funerais de Eça de Queirós, em Lisboa.(...) No cemitério organizaram-se quatro turnos: o 1º (..), o 3º, composto pelos senhores (...) Rafael Bordallo Pinheiro, **Visconde de S. Boaventura**, Urbano de Castro...¹⁶a 1907, pelo menos:

Do nosso correspondente em Lisboa: “A carreira literária é a mais terrível profissão a que, neste jardim da Europa, à beira-mar plantado, alguém se possa consagrar. Não há nela nem promoções nem esperanças. Ninguém aprecia o que se consome de coragem e de esforços para resistir às lutas que assaltam qualquer vocação literária...”¹⁷

As informações que temos a seu respeito são esparsas e foram coletadas de fontes diversas e, principalmente da própria coluna que escrevia, quando falava de si

mesmo. Segundo o próprio, desde 1876, já colaborava na “Província...”: “Retrato-me do que escrevi na *Província de São Paulo*, no ano de 1876, em polêmica com Lúcio de Mendonça: “O lirismo morreu, morreu, morreu”. Não morreu, nem morrerá”.¹⁸

Consultando o acervo das obras raras da biblioteca da Unesp/Assis, onde concluímos a pesquisa de Iniciação Científica que deu origem à nossa Dissertação de Mestrado¹⁹, encontramos um livro escrito pelo próprio Boaventura e prefaciado por Abel Botelho, no qual transcreve alguns textos jornalísticos dos inúmeros jornais em que colaborou, mas nada menciona sobre sua correspondência para o OESP²⁰. Nascido em Lamego, Portugal (1855-?), completou seus estudos finais em Coimbra, onde conhece Antônio Cândido, Gonçalves Crespo, Antônio Feijó, João penha, entre outros. Vem para o Brasil na sua mocidade e, desde então, inicia sua brilhante carreira jornalística, ora como colaborador e ora como fundador, de vários periódicos paulistas, como já dissemos:

Um jornal muito bem feito vinha à luz em 1884 pelas mãos de **Gaspar da Silva** e Leo da Afonseca, com o nome de *Diário Mercantil*, um dos melhores diários paulistas pela correção da linguagem e boa escolha de colaboração.²¹

Após este período de intensas atividades no Brasil, retorna a Portugal sem esquecer, todavia, da pátria que tão carinhosamente o acolhera. Engajado politicamente foi abolicionista e na sua “A vida portuguesa” não deixou jamais de denunciar as mazelas de seu país natal chegando inclusive a ser denunciado como “difamador de Portugal” pela imprensa portuguesa.

Podemos dizer ainda que a sua colaboração, através da citada coluna, foi uma das responsáveis pelo grande número de textos sobre a literatura e crítica portuguesa no período 1903-1906 no jornal. Do ano de 1908 constam às últimas informações que temos sobre ele, com a nomeação para o cargo de Secretário do Conservatório Real de Lisboa.

Possuindo então um currículo impecável e também dado o seu comprometimento na formação de uma imprensa periódica paulistana séria, é difícil imaginar realmente que G. S. tenha publicado ou compactuado com a direção do jornal OESP em publicar textos literários sem a devida autorização de seus autores, principalmente de Eça de Queirós, desde cedo conhecidíssimo e muito divulgado entre nós. De fato, não tinha sido mencionada até 1992, quando então surgiu o livro já citado *As relações literárias de Portugal com Brasil*, em nenhum dos estudos

realizados (e não nos esqueçamos que é enorme a fortuna crítica de Eça de Queirós no Brasil) a colaboração do renomado autor no jornal OESP, iniciada então na fase em que o jornal se intitulava como *A Província de S. Paulo*. Seguindo os passos de João Alves das Neves, que foi o pioneiro nesse sentido, e acrescentando alguns dados do grande levantamento sobre a literatura portuguesa que fizemos nos arquivos do periódico, vejamos como se deu efetivamente tal colaboração queirosiana no citado jornal.

A primeira publicação de um texto de Eça de Queirós nas páginas do OESP foi com a inserção do folhetim “Os Maias”, em 12 de agosto de 1888. Sendo praticamente desconhecida essa contribuição, como já dissemos, destacamos o artigo de Paulo Duarte, “Pequena História de um Grande Jornal”, publicado no jornal OESP em 5 de janeiro de 1952, como fundamental para estabelecermos algumas hipóteses sobre a gênese de tais publicações. Segundo Duarte:

Júlio Mesquita regressa em 1888, de Portugal e retoma a luta ao lado de Cerqueira César, presidente do Clube Republicano. As atividades, porém, borbulham na imprensa apenas, pois a vida vai se reajustando (depois da Abolição) e nas próprias colunas de *A Província* parece que a normalidade se restabelece. Júlio Ribeiro, brigando com o padre Severiano de Resende, versos de Vicente de Carvalho, crônicas de Eça de Queirós, cuja colaboração com Fialho de Almeida, nomeado correspondente do jornal, e de outros, Júlio Mesquita arranjava em Portugal.²²

De fato, Júlio Mesquita embarcara em julho de 1887 para a Europa e enviara para *A Província de S. Paulo* nove artigos, sob as rubricas “De Lisboa” (cinco textos, publicados em 4, 5, 6 e 10 de janeiro e 9 de março de 1888) e “Cartas a um amigo” no dia 22 e 29 de abril e 13 e 22 de maio de 1888. No artigo “Júlio Mesquita e *O Estado*”, esclarece Paulo Duarte que o autor das crônicas e cartas portuguesas voltou ao Brasil “em fins de outubro ou princípios de novembro desse ano de 1888, após mais um ano de ausência” (in *Centenário de Júlio Mesquita*, ed. Anhambi, 1964).

De todos os referidos textos, um dos que nos pareceu mais interessante foi o de 5 de janeiro de 1888, a propósito da preterição de Eça de Queirós, que concorrera ao Prêmio D. Luís I, da Academia das Ciências de Lisboa, com o romance *A Relíquia* - como sabemos, o vencedor tinha sido outro. Sobre o episódio, dissertou Mesquita:

São tantas as cabeças quantas sentenças... Mas o que é realmente digno de nota é que ninguém se lembrou de votar pela

Relíquia. Afirmam que a condenação do livro de Eça de Queirós desceu de muito alto, de certo tradutor infeliz de Shakespeare, quem ninguém desobedeceu, porque ele é quem é, todo sábio e poderoso – muito mais poderoso do que sábio (o tradutor foi o rei D. Luís I de Portugal), valha a verdade. Ora, como se trata de uma obra de arte, essa condenação não vale caracóis. Eu, cá por mim, sem me dar do voto da Academia, continuo a pensar que a *Relíquia* é um livro magnífico e que Eça de Queirós, por si só, tem mais mérito e talento do que todos os outros concorrentes reunidos. Felizmente, eu não estava no Brasil, ao tempo em que por lá andou Ramalho Ortigão, e guardei para o meu adorador artista do *Crime do Padre Amaro* esta flor do meu entusiasmo: o espírito mais brilhante de Portugal, o estilista inimitável! Atiro-lha humildemente aos pés no dia em que a Academia teve a louca pretensão de apagar o sol de sua glória.²³

Notemos que o jornalista não era apenas um mero seguidor dos modismos literários: tinha pleno conhecimento da obra até então publicada pelo escritor português e sabia avaliar a sua importância nas letras de língua portuguesa – e tal fato pode justificar o interesse da participação queirosiana pelo influente jornalista de *A Província de São Paulo*, como já foi testemunhado na matéria de Paulo Duarte. Provavelmente, dessa passagem do jornalista por Portugal e também da declarada admiração pode estar a explicação para a veiculação do folhetim *Os Maias*, iniciado em agosto do mesmo ano. Na edição de 8/8/1888, encontramos a seguinte notícia em *A Província*:

Folhetim_ depois de amanhã começaremos a publicar em folhetim o novo romance de Eça de Queirós - *Os Maias*. Julgamos ser esta uma boa notícia que muito alegrará os nossos leitores. (OESP, p. 1)

E no dia seguinte escrevia “D. Pedrito Elmano” na seção “Riso e Reflexões”, dirigindo-se a Patrick, do *Federalista*:

Meu caro, só ontem recebi a agradável impressão das atenciosas linhas que V. me dirigiu nas suas apreciáveis “Notas a lápis”. (...) Mas tenho andado com o espírito preso às belezas de arte, agudezas de observações e cintilações de espírito de talento superior espalhou pelas 990 páginas e seu romance – *Os Maias*. (...) Se eu fosse crítico já teria tomado a pena e dito aos móveis romancistas: meninos dignem-se a ler *Os Maias* e aprendam a fazer um novo romance moderno sem o pedantismo estulto do empolamento das frases que fatiga sem instruir; que pode ser o indício de um ouvido apurado...(...) Meu caro Patrick: se V. ainda

não leu leu *Os Maias* não perca um minuto; leia-os já. Eu não perdi um instante. (OESP, 9/8/1888, p. 1)

Esse é todo o tom predominante do “folheto propaganda”, como se fazia na época. Não obstante, o autor das crônicas revelava firmes conhecimentos literários. Por outro lado, quem redigiu o texto demonstrou conhecer Lisboa. Teria sido o redator do texto o já citado Gaspar da Silva ou outro redator de *A Província*?

Propaganda e elogios feitos, o primeiro folhetim de *Os Maias* apareceu em 12 de agosto de 1888, sem qualquer nota de redação, mas apenas com o subtítulo “Episódios da vida romântica”. O folhetim número dois foi publicado no dia 15 de agosto e os seguintes foram saindo até 5 de janeiro de 1889, data em que terminou a publicação (folhetim n.104), ocasião em que fora anunciado a próxima divulgação de um novo “feuilleton”, porém baseado na “mais pura moral”.

Além do citado folhetim, o jornal *O Estado de S. Paulo* veiculou mais cinco textos de Eça de Queirós, a saber: 1) “Lisboa - Porto” em 5 dezembro de 1888; 2) “Letras e Artes”, 2 de maio de 1889; 3) “O Poeta João de Deus”, em 30 de março de 1895; 4) “O Senhor Diabo”, em 31 de agosto de 1896 e 5) “O Suave Milagre”, em 10 de abril de 1903.

A descontinuidade, como ocorreu também com a colaboração na *Gazeta de Notícias*, intensa, porém não assídua, tem de permanecer no campo das hipóteses, embora deva ressaltar-se o fato de que Eça de Queirós esteve ausente do jornal carioca por largos períodos, visto nada ter publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio nos anos de 1883, 1884, 1885 e 1886, vindo a interromper a colaboração desde 23 de setembro de 1888 até 18 de janeiro de 1892 e continuando-a deste ano até 20 de setembro de 1897. Depois desta data, não voltou a colaborar.

Em relação ao primeiro texto (“Lisboa – Porto”) observamos que foi publicada quando estavam saindo os folhetins de *Os Maias* e o texto foi posteriormente incorporado às *Ultimas Páginas*. Sobre a contribuição publicara ainda *A Província*:

Vimos ontem o número único do “Lisboa – Porto”, folheto ilustrado que se publicou em Portugal quando se incendiou no Porto e Teatro Baquet. Não sabemos se lá foi vendido nas livrarias. Aqui nos parece que não. Pois é pena. Poucas vezes temos visto um trabalho artístico, tão brilhante, tão sedutor. As ilustrações da capa, feitas por Bordallo Pinheiro, são verdadeiramente primorosas, são encantadoras, Portugal pode orgulhar-se do artista que tem. Bordallo Pinheiro seria uma individualidade, mesmo em Paris, mesmo na grande cidade dos artistas célebres. As outras ilustrações, todas magníficas, são do príncipe Dom Carlos, rainha Dona Maria Pia, Carlos dos reis, Gyrão, Colombano e outros. A parte literária é fraca. Diz Gervásio Lobato: “Um *jornal* – *único* é, em geral, uma excelente obra de caridade, mas, em regra geral, também, uma detestável obra literária.” Gervásio Lobato tem razão. Todavia, brilham algumas pérolas, entre os pálidos artigos e as frouxas poesias do “Lisboa – Porto”. Leiam esta mimosa página. (OESP, 5/01/1888)

Quanto ao artigo seguinte (sem título), divulgado em 2 de maio de 1889, em *A Província*, foi editado com a seguinte nota de redação: “O magnífico texto da prosa que hoje publicamos na seção “Letras e Artes” é o prefácio das *Aquarelas*, novo livro de versos do distinto poeta João Dinis”. Será oportuno esclarecer que o mencionado texto veio a ser reproduzido no volume *Notas Contemporâneas*, sob a epígrafe de “Três prefácios” e o subtítulo adequado de “Prefácio de *Aquarelas*, João Dinis”, com data de Bristol - 1888. Na segunda edição das *Notas Contemporâneas*, indica-se que alguns desses artigos (do volume póstumo) foram publicados numa das séries da colaboração de Eça na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, tendo a explicação “Aos leitores”, a data de Porto - 1909 (segunda edição).

Curiosamente, a colaboração queirosiana na *Gazeta de Notícias*, em 1888, foi preenchida com o primeiro capítulo de *Os Maias* (1 de julho) e a *Correspondência de Fradique Mendes* (26 de agosto a 4 de setembro e nas edições de 7, 8, 9 e 23 de setembro), segundo o levantamento feito por Manuel Bandeira. É relevante a interrogação: por que Eça não enviara o prefácio das *Aquarelas* à *Gazeta*, do Rio, como fez com outros dos seus trabalhos? Teria preferido reservar o prefácio à poesia de João Dinis ao jornal *A Província de São Paulo*? Difícilmente saberemos o porquê.

O artigo sobre “o poeta João de Deus” foi publicado por *O Estado de S. Paulo* em 30 de março de 1895, sem a mínima referência, mas no dia anterior, o jornal paulista noticiara as homenagens à João de Deus, em correspondência de Lisboa, datada de 10 de março e assinada por “R.M.”. Ora, se o texto foi impresso pela primeira vez no número único de “Os de Paris a João de Deus”, em 8 de março de

1895 (conforme se depreende do esclarecimento contido em *Eça de Queirós – In memoriam*, organizado por Eloy do Amaral e M. Cardoso Martha, segunda edição, Atlântida, Coimbra, 1947) conclui-se que terá sido praticamente impossível a cópia do artigo, em Lisboa, no dia 10 seguinte, por intermédio do correspondente “R.M.”. Daí a hipótese de a matéria do poeta João de Deus (datada por Eça de Queirós em Paris no dia 22 de fevereiro de 1895) ter sido enviada pelo autor à redação de *O Estado de S. Paulo*. Se não foi assim, como é que, tendo sido impresso inicialmente em 10 de março de 1895, poderia ser reproduzido em São Paulo no dia 30 do mesmo mês?

É interessante observar que o texto “O poeta João de Deus”, com este título, não figura entre as obras de Eça de Queirós que tivemos a oportunidade de consultar, na edição “Lello & Irmão – Editores” (“Obras Completas”, Porto, 1958).

Já o conto “O senhor Diabo”, publicado pelo *Estado* em 31 de agosto de 1896, apareceu com a seguinte nota de redação:

Ilumina hoje o nosso rodapé um esplêndido texto da prosa de Eça de Queirós. Ninguém, ou quase ninguém, o conhece no Brasil. Transcreve-mo-lo da esquecida revista literária portuguesa, que se publicou em Lisboa em 1877.(p.1)

Tratava-se do conto que foi inserido no volume póstumo *Prosas Bárbaras* (com subtítulo “Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós”), coligido e prefaciada pelo escritor Jaime Batalha Reis (com data de “Sintra, setembro de 1903), e que foi também publicado diariamente pelo OESP entre os dias 2 a 6 de janeiro de 1904, no rodapé da primeira página. A publicação inicial de “O Senhor Diabo” é da *Gazeta de Portugal*, de Lisboa, em outubro de 1877.

Póstumo ao seu falecimento, registramos a transcrição do conto *O Suave Milagre*, veiculado no OESP em 10 de abril de 1903 e publicado pela primeira vez na *Revista Moderna* em 1898. Ressaltemos ainda a justa e ciumenta defesa que Eça de Queirós fazia acerca da divulgação dos seus trabalhos, o que mais realça a colaboração em *O Estado de S. Paulo*. Outra observação é que nenhum dos textos queirosianos publicados no OESP (ou na *Província*) foram transcritos da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, conforme se deduz da inserção de um único texto intitulado “Os ingleses descritos por Eça de Queirós” (cf. *Cartas da Inglaterra*, 1ª edição, 1905) que *A Província de S. Paulo* reproduziu, citando como fonte a gazeta carioca, em 12 de novembro de 1888, como assim era de praxe.

Por último, acrescentemos o que o próprio Eça dissera na carta endereçada à Oliveira Martins e datada de Bristol , 23-05-1888, sobre os preços e o convite feito por Jaime de Segulier para a sua colaboração no jornal *O Repórter* :

Eu tenho escrito artigos de cinco colunas – mas isso é só culpa da minha loquacidade. Ora, querido (...) por duas libras não vale a pena estar a manufaturar imensas talhadas de prosa. Elas dão-me um grande trabalho – e nos **jornais do Brasil** produzir-me-iam o dobro. (grifo nosso)

Não tendo ido por diante os planos de colaborar no *Jornal do Comércio* nem da *Gazeta da Bahia* e conhecendo-se apenas os textos divulgados na *Gazeta de Notícias*, a que jornais se refeririam o escritor?

Consoante a tudo isso, esperamos ter conseguido destacar o prestígio que as letras portuguesas sempre tiveram na imprensa periódica brasileira e paulistana, fazendo coro às palavras de João Alves das Neves que já em 1992 chamava a atenção para a necessidade de aprofundar as pesquisas neste âmbito. O exemplo de Eça de Queirós – que foi apenas um dos mais de 50 colaboradores portugueses da imprensa no período, segundo levantamento feito pelo próprio João das Neves – ressalta a importância de um estudo mais detalhado para que outros dados da historiografia literária luso-brasileira como esse possam ser mais bem documentados e analisados.

Recebido em 18/08/2010

Aprovado em 9/10/2010

NOTAS E REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

¹ Por convenção, utilizaremos doravante a sigla OESP para nos referirmos ao jornal *O Estado de S.Paulo*.

² A Revolta da Armada foi um movimento deflagrado por setores da Marinha brasileira em 1893 contra o presidente da República Marechal Floriano Peixoto. Encabeçado pelo contra-almirante Custódio de Melo e pelo almirante Luiz Filipe Saldanha da Gama, o episódio expressou com clareza os interesses e as disputas políticas do início do período republicano. O fato deu origem a um incidente diplomático que culminou com o rompimento das relações com Portugal por parte do governo de Floriano Peixoto. Cf. também: DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1996; RIO BRANCO, Barão do. *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938 e RIBEIRO,

Atanagildo Barata. *Sonho no cárcere: dramas da revolução de 1893 no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

³ Cf. MINÊ, Elza. *Eça de Queirós jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986, 2. ed.; _____. *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo do século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000; _____. *Eça de Queirós e a imprensa brasileira*. In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade n.53*, São Paulo, jan-dez 1995, p.173-184.

⁴ FEITOSA, R. G. A. *Eça jornalista: olhar crítico sobre a literatura e vida social do século XIX*. In: PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; CAIRO, L. R. V.; MARGATO, I. (Org.). *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis/SP: UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006, p. 61-69.

⁵ Além da *Brasil-Portugal* (1899-1914), são integrantes do *corpus* da pesquisa de Doutorado que estamos desenvolvendo sobre o mapeamento das relações culturais entre Brasil e Portugal através de periódicos outras publicações luso-brasileiras como as revistas *Ilustração Portuguesa* (1903-1924), *Atlântida* (1915-1920), *Serões* (1901-1911), por exemplo.

⁶ NEVES, João Alves das. *As relações literárias de Portugal com o Brasil*. Lisboa, lcalp, 1992.

⁷ Para mais informações, cf., por exemplo, ZAN, João Carlos. *Guilherme de Azevedo e a Gazeta de Notícias*. São Paulo: FFLCH -USP, Dissertação de Mestrado, 1998.

⁸ BANDEIRA, Manuel. Correspondência de Eça de Queirós para a imprensa brasileira. In: *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa/ Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, p.167-182.

⁹ Sobre o jornal *O Estado de S. Paulo* consultar também: BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4. ed. São Paulo: FFCLH USP, 1979 e SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

¹⁰ Ainda sobre o assunto, Cf. Fernanda Suely Muller, *Ruptura ou tradição? A crítica e literatura portuguesa em "O Estado de S. Paulo" no pré-modernismo brasileiro: 1900- 1911*, São Paulo, FFLCH-USP, dissertação de Mestrado defendida em março de 2007, sob a orientação da Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes e fomentada pela FAPESP (04/11527-0).

¹¹ NEVES, João Alves das. *Op. Cit.*, 1992, P.28.

¹² NEVES, João Alves das, *Op. Cit.*, 1992, p.30.

¹³ LYRA, Heitor. *O Brasil na vida de Eça de Queirós*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1965.

¹⁴ CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queirós, agitador no Brasil*. Lisboa: Livros do Brasil, 1972.

¹⁵ FARO, Arnaldo da Costa. *Eça e o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Editora Nacional, 1977.

¹⁶ A. Revistas portuguesas: Os funerais de Eça de Queirós e no Havre. *O Estado de S. Paulo*, 08 out. 1900, p.2.

¹⁷ BOAVENTURA, Visconde de S. O mercado literário em Portugal. *O Estado de S. Paulo*, 13 out. 1907, p.2.

¹⁸ G.S. A Vida Portuguesa: Resposta mansa. *O Estado de S. Paulo*, 24 abr. 1904, p.1.

¹⁹ Pesquisa de IC orientada pela Profa. Dra. Rosane Gazzola Alves Feitosa, concluída em 2003 e também fomentada pela FAPESP.

²⁰ BOAVENTURA, Visconde de S. *A pasta d'um jornalista: escritos políticos, literários e biográficos*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1908.

²¹ DUARTE, Paulo. 127 anos de imprensa paulista. *O Estado de S. Paulo*, 25 jan.1954, p.84. (Suplemento do centenário).

²² DUARTE, Paulo. Pequena História de um Grande Jornal. *O Estado de S. Paulo*, 05 jan. 1952, p.3.

²³ MESQUITA, Júlio de. *O Estado de S. Paulo*, 05 jan. 1888, p.2.